

Cardoso, Denise Porto; "Introdução", p. 9-12 . In: **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialeto**s Brasileiros. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-099-5, DOI 10.5151/BlucherOA-atitudeslinguisticas-003

1 CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

Uma das funções da linguagem estabelecida por Jakobson (1963) é a função metalinguística: a linguagem pode ser utilizada para falar dela própria. Esta função é plenamente realizada em todos os trabalhos linguísticos. Mas é também matéria, com menos técnica seguramente, da fala do dia a dia quando alguém declara: “isto não parece português” ou “o modo de falar do nordestino é arrastado”.

Assim, o falante, ao mesmo tempo em que imagina os fenômenos físicos, imagina também os fenômenos linguísticos. Esta representação não constitui um simples reflexo do comportamento linguístico, mas uma opinião mais ou menos autônoma e independente da realidade observada. Esta opinião sobre os fenômenos linguísticos pode ser dada por pessoas “autorizadas”. Poder-se-ia questionar a relação existente entre as representações “autorizadas” dos cientistas e aquelas “vulgarizadas” dos não especialistas.

Ao lado destas representações se desenvolvem as atitudes linguísticas. O falante emite um julgamento sobre as variedades linguísticas, e associa a elas diferentes valores, hierarquizando-as: um modo de falar é visto como “desagradável” e “feio”, um outro como “cantado” e “lento”, e outro, enfim, como “importan-

te” e “conhecido”, símbolo de signo de cultura. Linguisticamente falando, algumas pessoas têm uma atitude mais normativa, mais purista, e outras, uma atitude mais tolerante.

Estes julgamentos, mesmo aqueles que se apoiam sob argumentos estéticos (clareza, musicalidade, elegância de falar), são julgamentos sociais.

Entre as representações e as atitudes linguísticas existe uma classe de fenômenos particulares: a autorrepresentação e a autoavaliação de práticas por parte dos falantes. Os estudos de Labov (1976) e Trudgill (1975) sobre esse assunto mostram que o grau de consciência do falante sobre a sua fala é muito pequeno; o falante tende a perceber sua fala como semelhante ao modelo, o que o leva a ter uma imagem deformada de seu modo de falar.

O objetivo principal desta pesquisa foi fazer um levantamento das atitudes ou normas subjetivas de falantes aracajuanos em relação ao seu próprio dialeto: como eles avaliam certas características próprias da região em relação a outras variedades regionais e não marcadas com o selo da ilegitimidade? Como eles avaliam suas próprias práticas linguísticas em relação ao que eles pensam ser as formas “corretas” ou “normais”?

Outro objetivo da pesquisa foi estabelecer uma relação entre as atitudes (positivas e negativas) e as variedades regionais estudadas (a carioca, a baiana e a alagoana). E, finalmente, por este conjunto de questões sugeridas acima, estudar como se apresentam as atitudes e a autoavaliação nos diferentes sexos, idades e graus de escolaridade.

A análise prévia dos dados, a observação direta e assistemática aliada à nossa própria intuição de falante aracajuana e a nossa experiência no magistério nos orientou na formulação dos dois grupos de hipóteses.

Quanto ao dialeto aracajuano considerado isoladamente:

- A. Falantes aracajuanos, de uma maneira geral, têm atitudes linguísticas prevalentemente positivas quanto às variedades linguísticas nativas.
- B. Falantes aracajuanos acreditam que é o próprio indivíduo quem deve melhorar a língua falada.
- C. Falantes aracajuanos não são capazes de fazer um reconhecimento nítido das diferenças de nível linguístico.
- D. Falantes aracajuanos consideram como desvios de normas mais rejeitados a falta de concordância verbal, a troca de “L” por “R” e a queda do “R” final das palavras e, o mais tolerado, o uso de ter por haver.

Quanto aos dialetos com o quais o aracajuano tem mais contato em comparação com o seu próprio dialeto:

- A. Falantes aracajuanos, de uma maneira geral, tendem a ter uma atitude linguística positiva quanto à variedade linguística baiana.
- B. Falantes aracajuanos apresentam atitude linguística positiva quanto à variedade linguística alagoana.
- C. Falantes aracajuanos prestigiam a variedade linguística carioca.
- D. De acordo com os falantes de Aracaju, o dialeto local é mais agradável que o alagoano, mas menos agradável que os dialetos baiano e carioca.

